

Linguagens e representações em luta

O «mundo arruinado» da educação

Os sistemas educativos, percebidos como contextos de pensamento e de acção sobre o papel e o sentido da educação, são construídos no âmbito de colectividades sociais e políticas heterogéneas. A sociedade, o mundo, é possível porque existem comunidades de crenças, de hábitos e linguagens e o mundo da Educação pertence a todas estas comunidades, justamente porque requer um sentido comum partilhado que, na sua génese e desenvolvimento, prende-se com a Intencionalidade das acções pensadas e levadas a curso. Porém, e porque se trata de uma Intencionalidade que confere sentido à acção humana, a sua lógica só é possível de ser compreendida a partir da construção subjectiva dos agentes e dos actores que a protagonizam, não propriamente em torno de um ambiente de incerteza fabricada ao gosto da especulação. Sendo o discurso educativo e pedagógico, na opinião do filósofo Olivier Reboul, por exemplo, o mais *ideológico* de todos os discursos, mesmo, e paradoxalmente, por relação ao discurso político, percebe-se pois que a Educação, como discurso ideológico, integra um sistema complexo de representações baseadas na linguagem, de origem, por um lado, comunitária e, por outro, porque sendo um discurso *pedagógico sobre educação*, moral, mercê de uma verdade e de uma ordem prática que se pronunciam na legitimação de um determinado poder.

Assim sendo, a crise que hoje parece estar a dizer-se (não no sentido de uma história que se está a finalizar) implica, em contrapartida, que se recupere a discussão filosófica da educação, na medida em que, actualmente, os Projectos de e em Educação, vistos como utopias práticas, vêm-se ocupados no «conflito das diferenciações», desde logo, porque a representação que se constrói sobre a acção é também diferenciada e plural. As propostas de políticas educativas de inovação possuirão sempre um êxito inseguro, na medida em que, ao pretenderem incidir sobre a experiência real dos sujeitos da educação (pais, professores, estudantes) e, para além disso, sendo que a acção humana é também por si ética, torna-se praticamente impossível desenvolver uma acção baseada no que se tem de «pedir» ao sujeito: aos professores, por exemplo, não se lhes pode «pedir» apenas que obedeçam ou se adaptem à introdução de uma «solução da crise», porque as suas acções são representações suas, não constituem acções pré-determinadas. De facto, ao considerar-se a educação e, particularmente, a educação escolar nas suas vertentes criadora, regenerativa, extraordinária, parece ser uma incoerência querer regular o que ainda está por vir. A crise actual em educação é uma crise cultural de dispersão de expectativas, onde as fracturas visíveis na ideia de um projecto universal para a educação devem-se também à dispersão de razões e de sentidos *políticos sobre o ensinar e o aprender*, próprios da razão, dos fins e dos desejos colectivos, mas, cada vez mais, individualmente apropriados.